

PÓS-MODERNISMO NA UFAM

CONTROLE			MARCADAS	DATA
Q: 3	A:	%:		

QUESTÃO 21 (PSC III 2021 - Q12)

Considere o conto “Uma Galinha”, de Clarice Lispector:

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi, pois, uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro voo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutra pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa.

De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beirai de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga.

Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos.

Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarecida. Mal, porém, conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos: — Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!



Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave, nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

– Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

– Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga – e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar.

Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria, mas ficaria muito mais contente.

Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se os anos.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, pág. 17- 18.

A partir da leitura do conto, analise as seguintes afirmativas e as citações que as comprovam:

I. Na ficcionalização de um almoço de domingo de uma família composta por pai, mãe e filha, há um momento de tensão, protagonizado pela "galinha" – "foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto voo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço."

II. Os sentimentos da mulher e da galinha se misturam, mas permanecem encobertos pelas preocupações em relação à casa, ao marido e aos filhos. – "Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa."

III. A mulher representa a ideia da infelicidade no casamento, da incompletude feminina, assim como a "galinha" do conto, é alguém de quem não importavam os sentimentos. – "Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada."

IV. Na representação da "galinha" e do "homem da casa" é encontrado o peso do discurso patriarcal brasileiro, entendido até mesmo como causa desta divisão social binária e também da caracterização do homem e da mulher brasileira – "Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista."

Assinale a alternativa **CORRETA**:

- a) Somente as afirmativas I e II são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.



QUESTÃO 22 (PSC III 2020 - Q9)

Leia o poema:

TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

Ferreira Gullar, *Na Vertigem do Dia*. 1980

Sobre o poema é **CORRETO** afirmar:

- a) O sujeito lírico apresenta dificuldade de conciliar os lados racional e passional do ser humano.
- b) O poema é um soneto, com versos pentassílabos de rimas ricas e alternadas.
- c) Ferreira Gullar expressa seus sentimentos na busca de resolver problemas psicológicos, por isso seus versos não alcançam a universalidade.
- d) A poesia de Ferreira Gullar, representada pelo texto, aparece como uma afirmação da fraqueza da humanidade, sujeita às pressões sociais e ideológicas.
- e) Ferreira Gullar, em *Traduzir-se*, a exemplo de outros poetas pós-modernistas, apresenta um caráter intimista e isolado.

QUESTÃO 23 (PSC III 2015 - Q8)

Leia as afirmativas abaixo, feitas a respeito do conto **"A Caligrafia de Deus"**, de Márcio Souza:

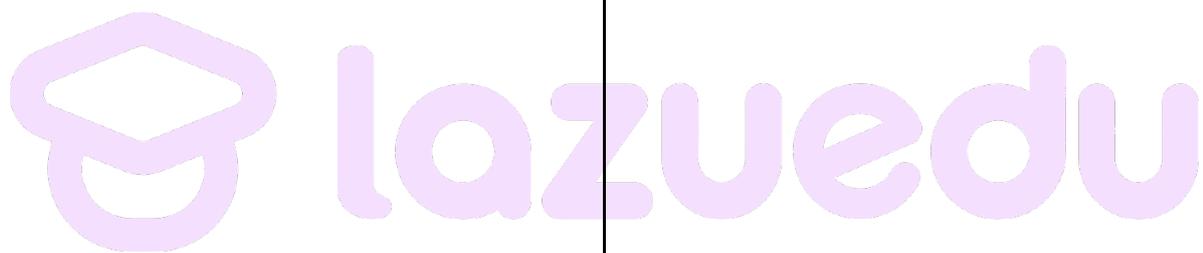
- I. A narrativa dá preferência aos aspectos psicológicos das personagens, revelando-lhes o drama interior que, devido à condição social de nascença, torna trágicos os seus conflitos com o mundo.
- II. A expressão "Deus escreve certo por linhas tortas", que perpassa todo o conto, é indicativa da religiosidade dos personagens e do próprio narrador, que, com ela, mostra que as pessoas devem aceitar os desígnios divinos.
- III. O fato de o caboclo Alfredo Silva (o Catarro) e a índia Izabel Pimentel, representantes das populações tradicionais da Amazônia, terem vindo morrer na Zona Franca de Manaus, é uma denúncia dos descaminhos sociais e econômicos causados por esse modelo de desenvolvimento.
- IV. A passagem em que Izabel Pimentel decide arrancar os dentes em bom estado, embora pontiagudos, e substituí-los por uma prótese, ilustra bem o seu estado de alienação, bem como o processo de aculturação dos povos indígenas.



V. O personagem Pedro Pimentel apresenta uma contradição em seu caráter, pois, mesmo sendo católico, não deixa de acreditar na Maloca dos Mortos, seguindo a tradição cultural de seu povo.

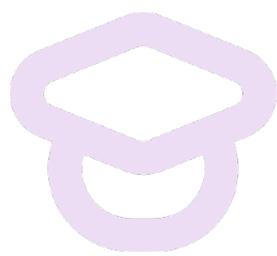
Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas III, IV e V estão corretas
- b) Somente as afirmativas II, IV e V estão corretas
- c) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas
- d) Somente as afirmativas I, II e V estão corretas
- e) Somente as afirmativas, I, II e III estão corretas



GABARITO

21B 22A 23A



lazuedu